

ORALIDADE E ANCESTRALIDADE EM FINISTERRE, DE NÉLIDA PIÑÓN

ORALITY AND ANCESTRALITY IN FINISTERRE, BY NÉLIDA PIÑÓN
ORALIDAD Y ANCESTRALIDAD EN FINISTERRE, POR NÉLIDA PIÑÓN

Lúcia Tavares Leiro <https://orcid.org/0000-0002-3436-7092>

RESUMO

este artigo⁸ sobre o conto *Finisterre*, do livro *o Calor das Coisas*, 1980, escrito por Nélida Piñón⁹, tem como propósito analisar o texto ficcional para mostrar as marcas da oralidade na escrita, a força narrativa e a transmissão dos saberes ancestrais galegos, por isso faço uso dos conceitos “discurso da ancestralidade” e “egoespecularidade discursiva”. O conceito de ancestralidade me interessa enquanto discurso, enunciação sobre as textualidades da tradição. Por “egoespecularidade discursiva” aplicada à literatura entendo a leitura de uma obra literária que conecte reflexivamente o escritor, o texto e o leitor. Além destes referenciais, faço uso também do modelo interpretativo tridimensional do texto – prática social/texto/prática discursiva – proposto por Norman Fairclough em sua *Análise do Discurso Crítica*, bem como dos dois tipos de narradores tratados por Walter Benjamin, o que narra as viagens e o que conta as histórias do lugar. Anoro-me também no conceito e importância da voz a partir dos estudos de Paul Zumthor.

PALAVRAS-CHAVE: Narrativa; Oralidade; Discurso; Ancestralidade discursiva; Egoespecularidade discursiva.

ABSTRACT

This article about the short story *Finisterre*, from the book *o Calor das Ciências*, 1980, written by Nélida Piñón, aims to analyze the fictional text to show the marks of orality in writing, the narrative force and the transmission of Galician ancestral knowledge, therefore I make use of the concepts “ancestry discourse” and “discursive egospecularity”. The concept of ancestry interests me as a discourse, an enunciation about the textualities of tradition. By “discursive egospecularity” applied to literature I mean the reading of a literary work that reflexively connects the writer, the text, and the reader. In addition to these references, I also make use of the three-dimensional interpretative model of the text – social practice/text/discursive practice – proposed by Norman Fairclough in his *Critical Discourse Analysis*, as well as the two types of narrators treated by Walter Benjamin, the one who narrates the trips and what tells the stories of the place. I also anchor myself in the concept and importance of voice from the studies of Paul Zumthor

KEYWORDS: Narrative; Orality; Speech; Discursive ancestry; Discursive egospecularity.

RESUMEN

Este artículo sobre el cuento *Finisterre*, del libro *o Calor das Ciências*, 1980, escrito por Nélida Piñón, tiene como objetivo analizar el texto de ficción para mostrar las marcas de la oralidad en la escritura, la fuerza narrativa y la transmisión de los saberes ancestrales gallegos, por tanto. Hago uso de los conceptos “discurso ancestral” y “egoespecularidad discursiva”. El concepto de ascendencia me interesa como discurso, como enunciación sobre las textualidades de la

⁸ O artigo é resultado do projeto de pesquisa *Literatura de Autoria Feminina Brasileira e Galega Contemporânea*.

⁹ Nélida Piñón foi uma escritora brasileira, nascida em 1937 no Rio de Janeiro, região sudeste do Brasil, mais precisamente em Vila Isabel, ao norte do referido Estado e falecida em 17 de dezembro de 1922, em Lisboa, Portugal. É filha de imigrantes espanhóis provenientes de Cotovad, em Pontevedra, Galícia. Foi a primeira mulher a presidir a Academia Brasileira de Letras e possui em sua biografia vários prêmios literários, sendo a *República dos Sonhos* a sua mais impactante obra que foi traduzida em várias línguas.

tradición. Por “egoespecularidad discursiva” aplicada a la literatura me refiero a la lectura de una obra literaria que conecta reflexivamente al escritor, el texto y el lector. Además de estas referencias, también hago uso del modelo interpretativo tridimensional del texto –práctica social/texto/práctica discursiva– propuesto por Norman Fairclough en su Análisis crítico del discurso, así como los dos tipos de narradores tratados por Walter Benjamín, el que narra los viajes y el que cuenta las historias del lugar. También me ancla en el concepto e importancia de la voz desde los estudios de Paul Zumthor.

PALABRAS CLAVE: Narrativa; oralidad; Discurso; ascendencia discursiva; Egoespecularidad discursiva.

INTRODUÇÃO

“Vim para saber, padrinho.
Não, você veio para reconhecer-se”.

O conto *Finisterre*¹⁰, de Nélide Piñon¹, publicado em 1980 no livro ‘O Calor das Coisas’, faz parte do projeto de pesquisa ‘Literatura de Autoria Feminina Brasileira e Galega Contemporânea’, inscrito no SPGU – Sistema de Planejamento e Gestão Universitária, da Universidade do Estado da Bahia. O projeto, que inicialmente investigava a ‘literatura de autoria feminina brasileira contemporânea’, foi ampliado, levando-se em consideração a necessidade de pensar por meio da obra ficcional a presença dos galegos no Brasil, em especial em Salvador; o tema da imigração e seus efeitos ao longo dos anos. A Galícia faz parte da Espanha, mas a sua cultura se distingue de outras Comunidades Autônomas em vários aspectos, para além da língua. A música, a dança, a literatura, o traje tradicional, a gastronomia fazem da Galícia, região situada ao noroeste da Espanha, um território com identidade própria. Esta é a razão pela qual refiro-me à Galícia e aos galegos ao longo deste artigo. A metodologia de investigação para os estudos em literatura consiste em buscar o material literário, neste caso os livros, proceder à leitura e análise crítica de acordo com o referencial teórico e, em casos de autores desconhecidos, proceder ao levantamento biográfico. O projeto tem o objetivo: investigar a literatura de autoria feminina escrita por galegas, galego-brasileiras e brasileiras, a fim de ampliar os estudos literários brasileiros e colocá-los em diálogo com as autoras galegas. No caso de Nélide Piñon, analisar a sua obra representa investigar os temas recorrentes e quais as obras que tratam da imigração, tema do meu

¹⁰ *Finisterre*, do latim *o fim da terra*, é um município de A Coruña, uma das quatro províncias da Galícia, que, juntamente com Pontevedra, se caracteriza por ser costeira.

interesse. Embora exista um volume de trabalhos acadêmicos sobre a obra da autora, faz-se necessário explicitar que a revisitação neste momento histórico de discussão sobre identidades possibilita melhor compreensão do que foi a imigração galega e os seus desdobramentos para os herdeiros da diáspora. Em tempos de globalização, motivar os sujeitos a se conhecerem contribui para o diálogo intercultural mais favorecedor e respeitoso entre os sujeitos.

Antes de adentrar propriamente na análise do conto, considero oportuno apresentar os fundamentos teóricos que embasaram a minha análise. Do conceito de ‘ancestralidade discursiva’ (Leiro, 2021, p.05) mostro como Nélida Piñon organizou os elementos linguísticos e literários para construir o percurso da narradora-personagem de descendência galega, a fim de responder aos seus questionamentos sobre a sua identidade, fosse por meio de um encontro telúrico, tendo em vista a travessia realizada pela personagem do Brasil para a Galícia, fosse pelo contato com o patrimônio material e imaterial galego, principalmente na escuta das narrativas contadas pelos mais velhos. A resposta da narradora-personagem, aquela que vive para narrar as suas próprias experiências, encontra do outro lado a leitora descendente de galegos motivada a ser também sujeito-narrador de suas memórias e a de seus ancestrais. A leitora especializada, na condição de crítica literária e descendente de galegos, não é apenas estimulada a escrever as suas memórias, mas a pesquisá-las a fim de responder a uma demanda pessoal, mas, também, coletiva. Uso o conceito de ‘ancestralidade discursiva’ como categoria analítica útil, parafraseando uma expressão usada por Joan Scott¹¹, historiadora estadunidense, para explicar como, por meios dos textos, das ‘capas’ discursivas próprias da linguagem ficcional, os sujeitos se posicionam diante do mundo, reivindicando a memória, a ritualística do grupo social de origem. O conceito de ‘ancestralidade discursiva’ dialoga com o conceito de ‘egoespecularidade discursiva’ que visa explicar a relação especular, de retorno de imagem, portanto mais reflexiva que refratária, entre escritor, narrador-personagem e leitor, sujeitos envolvidos e interpelados pela história e pelo discurso ficcional. No conto, a voz narrativa em primeira pessoa conduz o leitor a fazer o percurso autobiográfico com a personagem que

¹¹ Joan Wallach Scott escreveu um artigo intitulado Gênero: uma categoria útil de análise histórica em 1989.

parte para a escuta, para o encontro com a palavra ‘encantada’, ao mesmo tempo em que o leitor mergulha em suas próprias reminiscências.

Para tratar das marcas da oralidade no conto *Finisterre* faço uso do conceito de ‘voz’ apresentado pelo suíço Paul Zumthor, particularmente em seu livro ‘Letra e Voz: a literatura medieval’, quando se refere à voz como elemento fundamental na transmissão do saber, mas, também, na construção da autoridade dos sujeitos que verbalizam a coisa narrada (Zumthor, 1993, p.19). A questão sobre a autoridade de quem conta coloca em evidência quem detém a voz, quem legitima a coisa narrada e quais as implicações deste gesto nos sujeitos pertencentes ao grupo. Embora Zumthor trabalhe com a Idade Média, os conceitos, as ideias e a metodologia de trabalho podem ser aplicados em qualquer período da história e por qualquer grupo cultural

Sabemos que a civilização do Ocidente medieval foi aquela das populações de uma pequena quase-ilha extrema da Eurásia que, durante um milênio, de todas as maneiras, em todos os domínios e em todos os níveis, consagraram o essencial de suas energias para interiorizar suas contradições. É nestes limites e neste sentido que evocaremos a oralidade natural de suas culturas: como um conjunto complexo e heterogêneo de condutas e de modalidades discursivas comuns, determinando um sistema de representações e uma faculdade de todos os membros do corpo social de produzir certos signos, de identificá-los e interpretá-los da mesma maneira (Zumthor, 1993, p.22).

Observemos que diante do tecido social complexo de uma dada sociedade, os membros de um mesmo grupo deverão interpretar os signos da cultura da mesma maneira a fim de que os sujeitos se reconheçam como pertencentes ao mesmo grupo, por meio das ‘modalidades discursivas comuns’ enunciadas pela voz e pela tradição:

...quando um poeta ou seu intérprete canta ou recita (seja o texto improvisado, seja memorizado), sua voz, por si só, lhe confere autoridade. O prestígio da tradição, certamente, contribui para valorizá-lo; mas o que o integra nessa tradição é a ação da voz (Zumthor, 1993, p.19).

Além do conceito de vocalidade de Zumthor, trago o ‘modelo tridimensional’ elaborado por Norman Fairclough¹² para destacar a relação entre o texto e as condições de produção. O texto, a prática social e a prática discursiva

12 Norman Fairclough é um linguista inglês com vários artigos e livros publicados sobre a Análise do Discurso Crítica (ADC), uma abordagem da Análise do Discurso (AD) que trata da relação interdependente entre o texto, a prática social e discursiva.

são constitutivas dos eventos enunciativos, conferindo complexidade à análise textual por meio do qual a ficção é um corpo de significados que parte da escrita e da leitura. Em se tratando do conto de Nélida Piñon, a sua textualidade está ancorada nas palavras que ordenam e movimentam os sujeitos para propiciar o encontro entre a narradora-personagem e a memória ancestral. O contato com a memória dá-se pela linguagem, pelos gestos e pelo contato visual, conferindo a atitude de conhecer uma postura aberta aos sentidos. A intersemioticidade se expressa na escuta e na observação dos gestos. Veremos, no decorrer da leitura, como Nélida Piñon elege as palavras e as organiza literariamente para compor ficcionalmente nos anos 80 o 'devir': a viagem de retorno dos descendentes, movimento inverso que seus pais e avós fizeram, para reescrever outra história, a que Piñon escrevia para os seus leitores do presente e do futuro sobre o impacto da imigração em suas vidas, do sentimento marcado pelo *desarraigo*. Da 'prática social', situo na ficção a memória da imigração galega, particularmente dos galegos que vieram para o Brasil na primeira metade do século XX, buscando entender a imigração do ponto de vista histórico-discursivo e o seu desdobramento na memória dos descendentes representados ficcionalmente no conto de Piñon. Da 'prática discursiva', outra parte do tripé, remeto às duas principais práticas: a de quem escreve a memória da diáspora galega e a de quem lê, seja como leitor comum ou como crítica literária, mostrando que a prática de escrever e a de ler são atos criativos, produtivos e emancipatórios.

A ANÁLISE

A imigração galega ocorreu devido a uma decisão tomada pelos galegos no passado em decorrência das guerras e da conjuntura político-econômica na Galícia, quando, ainda muito jovens, deixaram as suas famílias e o convívio social de amigos e vizinhos para partirem rumo ao desconhecido, provocando, nos que sobreviveram à travessia, traumas irreversíveis. Portanto para explicar a existência, as condições em que os descendentes se encontram no presente, faz-se necessário entender o processo que se inicia ainda na Galícia, nas aldeias rurais onde os galegos tiveram que conviver com as dificuldades de décadas, obrigando-os a emigrarem. E é a partir de uma memória comum, neste caso,

entre escritora e leitora, que o caminho é reaberto, entendendo o conto em questão como ‘mudança discursiva’, portanto texto transformador, fundante de uma ‘bioescrita’ feita de memórias, de histórias marcadas pela mesma experiência para que os sujeitos envolvidos se reconheçam e conduzam as suas vidas cientes de que cada um é um ‘continuum’ e não um fragmento isolado. A literatura funciona como elemento transformador de consciências, no caso do conto em questão, de provocar no leitor descendente de imigrantes galegos, a necessidade e urgência de pensar a sua condição como produto de uma prática social. Em se tratando de uma leitora-crítica, a que escreve neste momento, trata-se de uma provocação política, já que convoca a pensar não apenas em si, mas no coletivo que se reconhece na galeguidade.

El Estatuto de autonomía de Galicia, en su título preliminar, destaca la importancia que la diáspora de sus hijos e hijas de los últimos dos siglos ha supuesto para el pueblo gallego, estableciendo que las comunidades gallegas asentadas fuera de Galicia puedan solicitar el reconocimiento de su galleguidad. También establece que tal reconocimiento, entendiéndolo como el derecho a colaborar y compartir la vida social y cultural del pueblo gallego, se regulará mediante una ley del Parlamento (Boe, 2016, p. 05)

A galeguidade é fundamental para o reconhecimento do Estado quanto ao direito dos descendentes de galegos de gozarem dos direitos e deveres garantidos por Lei e usufruírem do patrimônio ancestral galego. Com isso, entendemos por galeguidade um ser, mas, também um tornar-se a ser por meio do acesso ao repertório simbólico patrimonial galego e das ações legitimadas pelas políticas públicas.

Os sujeitos envolvidos na produção de sentidos são basicamente dois: quem escreveu o conto, neste caso Nélida Piñon, e eu, sua leitora e crítica literária (extensivo a outros leitores, naturalmente). Este eu presente no ato da leitura não deve ser confundido com o eu ególatra, mas no eu autobiográfico convicto de que as identidades são forjadas no processo de significação do texto. Para além da relação entre escritor e leitor, eu e Nélida comungamos de uma mesma ancestralidade: somos descendentes de galegos de Pontevedra, somos o produto humano da diáspora galega e nos encontramos pela e na literatura. O terceiro ente é um elemento literário, ficcional, a narradora-personagem, construída para guiar os leitores em sua travessia pessoal de autoconhecimento.

No conto de Nélide Piñon, a voz da escritora evoca a tradição galega e a ficcionaliza para que o seu registro escrito chegue às gerações vindouras da maneira que escreveu:

Não é verdade que quis ser pássaro na infância, e sonhou desprender-se dali? Concordou e acelerou em seguida os passos. Tinha hábito de correr, apesar da idade. Atravessei o Atlântico, as terras castelhanas, as rias, e o que mais vencerei para ouvir-te, Padrinho? (Piñon, 1997, p 83-84)

É importante reforçar que o conto *Finisterre* foi publicado³ nos anos 80, momento em que a escrita de autoria feminina se avoluma no Brasil, concentrando-se nas implicações do ‘patriarcado’ na vida dos sujeitos, sobretudo das mulheres. É também neste momento que há um direcionamento editorial para a publicação de mulheres, aquecendo o mercado altamente especializado e segmentado do livro. Mas é fundamental que se diga também que, embora tenha havido interesse editorial pelas obras das escritoras, elas ainda representam minoria, o que torna o trabalho de Nélide Piñon - assim como outras escritoras da geração de 60, como Helena Parente Cunha, Sonia Coutinho, Lya Luft – determinante para impulsionar a leitura e a arte literária, trazendo temas e abordagens atuais. Piñon, por meio do conto *Finisterre*, discute temas importantes e muito atuais, sobretudo neste século XXI que se inicia: ancestralidade, identidade, intergeracionalidade, oralidade/vocalidade, diáspora, imigração, entre outros por isso a escolha do conto para este artigo.

Finisterre aborda o tema da imigração e as suas consequências para os imigrantes, bem como para as gerações futuras, herdeiras dos desdobramentos da imigração galega. Um tema difícil porque toca em uma ferida, uma saída forçosa dos galegos de sua terra por conta da falta de condições dignas de viver fruto das pandemias e das guerras. A narrativa é marcada pela travessia, entendendo esta palavra em sua poeticidade, no sentido de que a construção do ser, a sua existência, dá-se na jornada diária a partir de desafios e superações. Nascida sob o signo da diáspora, Nélide Piñon traz para a sua ficção, o percurso dos descendentes de galegos em busca da memória suprimida pelos impactos da imigração, tornando a literatura ‘nelidiana’ necessária, significativa e epifânica para a leitora e o leitor galego-brasileiro ou para aqueles que de alguma maneira foram marcados historicamente pela desterritorialidade. É impossível pensarmos

em literatura e diáspora galega sem a produção de Nélida Piñon, já que o seu pioneirismo a torna a ancestral literária principal que conduz os descendentes de galegos à travessia existencial.

A diáspora galega foi um movimento de dispersão de galegos pelo mundo, sobretudo na primeira metade do século XX, devido aos desdobramentos das guerras e tensões políticas entre os anos de 1914-1970. Os galegos que vieram para Salvador atuaram no comércio da capital baiana; muitos se tornaram empresários, profissionais liberais ou autônomos. A prática social adotada pelo Brasil e por outros países da América Latina, de absorver a mão-de-obra imigrante, forjou uma nova identidade nos países de acolhida e, também, no país de remessa, escrevendo essa experiência na história de ambos a ser contada pela posteridade. Tanto os galegos quanto os brasileiros descendentes de imigrantes entendem que a história os conecta e, por isso, tentam lidar com esta memória dolorosa e inesquecível como um tempo que passou e que o presente está transcorrendo e chamando os descendentes a contar histórias, a ouvir tantas outras de seu grupo e a escrevê-las.

Em tese defendida por Maria Miquelina Barra Rocha, a viagem (ou travessia) na ficção de Piñon representa o resgate da oralidade, tendo “a proposta de um novo narrador, que retomaria as raízes da oralidade para constituir-se como sujeito que se faz na/pela linguagem.” (Rocha, 2007, p.25). Se atentarmos para outro livro da escritora intitulado ‘Vozes do Deserto’, publicado em 2004, no qual a escritora reconta a história de Sherazade e explora a potência narrativa por meio de traços da oralidade, bem como a autoridade vocal para fazê-la, a ficção de Piñon confirma a necessidade de contar, de transmitir a tradição oralmente e pela escrita, de ter voz para fabular, no sentido de narrar com criatividade, e legar à posteridade a saga galega em outros territórios: ‘Repousamos meia hora. Ele me prometera a eternidade se saísse da Ilha viva. Hás de dominar a arma que enfiem em teu corpo. Comprometi-me com ele que sobreviver era a mais longa aprendizagem’ (Piñon, 1997, p. 83)

A leitura do conto *Finisterre*⁵, que, diga-se de passagem, é o embrião literário de ‘A República dos Sonhos’, publicado quatro anos depois, é uma viagem literária de dicção autobiográfica, como já vimos, que nos leva a pensar no compromisso de Nélida Piñon de contar a sua história e a de inúmeros

brasileiros. É inegável que tanto em *Finisterre* quanto em 'A República dos Sonhos' percebemos a existência da força motora narrativa, e do quão importante é a presença dos contadores de histórias na formação da identidade dos sujeitos, ouçamos Walter Benjamin (1997, p.09):

A figura do narrador só se torna plenamente tangível se temos presentes esses dois grupos. "Quem viaja tem muito que contar", diz o povo, e com isso imagina o narrador como alguém que vem de longe. Mas também escutamos com prazer o homem que ganhou honestamente sua vida sem sair do seu país e que conhece suas histórias e tradições. Se quisermos concretizar esses dois grupos através dos seus representantes arcaicos, podemos dizer que um é exemplificado pelo camponês sedentário, e outro pelo marinheiro comerciante. Na realidade, esses dois estilos de vida produziram de certo modo suas respectivas famílias de narradores.

Deste modo, temos em *Finisterre* os dois narradores benjaminianos: a afilhada que viaja e o padrinho que não saiu de sua terra. Ela traz em sua memória, outras narrativas, vivências, podendo comparar, escolher, ressignificar, enquanto ele conhece profundamente a sua única cultura, é autoridade e detentor do saber ancestral:

O Padrinho exibia os tesouros que eu tomava nos braços. Dirigia-me a eles conhecendo-lhes origem, paladar, razão de ser. Afinal saíra do ventre montanhês daquela raça, eu os havia deixado pelas correntes marítimas, assim poderia regressar a ela sempre que quisesse, especialmente porque os ibéricos navegavam assaltados pela emoção. E havia ainda a morrinha, que não é o cheiro deformado da carne, mas a deformação da saudade – consentindo que eu a tomasse no peito, a espargir-me com o seu espírito de aventura (Piñon, 1997, p. 82-83).

O conto, resumidamente, trata da viagem de uma mulher descendente de galegos para a Galícia e a partir deste deslocamento, de travessia do Atlântico e de estada em terras galegas, a personagem constrói seu itinerário de encontros e de autodescoberta guiada por seu padrinho. Em *Finisiterre*, este fim significa, também, o início do contato da personagem com um território desconhecido, embora lhe pertença: a Galícia. *Finisterre*, extremo do continente europeu, paradoxalmente, no conto, significa o fim de um território e o começo da trajetória da personagem para melhor conhecer as suas origens, tal como o percurso tortuoso, doloroso, mas, igualmente, desbravador e revelador dos que fazem o Caminho de Santiago. A personagem metaforicamente vivencia não apenas as dificuldades de quem atravessa o oceano, mas os conflitos

existenciais de um devir, de quem está no cabo de sua “finisterre”, prestes a lançar-se ao ‘quase’ desconhecido. Este é o percurso que os descendentes de imigrantes têm feito ao longo de décadas ao se confrontarem com a sua existência, com a sua história e memória. Este percurso, que os lança para trás e, ao mesmo tempo para frente, nada mais é do que o presente a lhes impor uma resposta acerca de si mesmos, e os convoca a uma peregrinação que se não for mística em seu sentido mais ritualístico, é filosófica em seu sentido existencial: ‘Em casa, me fez servir o café. Tragui como se fosse suor. Ele aprovou que esquecesse a amargura da grande cidade, os desfalecimentos da vida anterior. Se ficasse aqui ao menos dois dias, eu lavaria a sua alma.’ (Piñon, 1997, p. 79).

A personagem principal vai ao encontro do seu padrinho, o seu contato mais ancestral da Galícia. O padrinho, na tradição religiosa católica, é o segundo pai, a quem é atribuído os cuidados da educação, a transmissão dos valores e o acervo da memória, quando da ausência do genitor. Ao eleger o padrinho e não o pai, a escritora problematiza, a meu ver, o lugar da autoridade na transmissão dos valores grupais, na medida em que o pai emigrou para o Brasil e não retornou, constituindo família e se fixando definitivamente no país que o acolheu. Além disso, desfaz-se a ideia de que a ancestralidade se dá por laços sanguíneos: ‘Sim, você crescia frondosa, e não me levava o nome. Mas, em todas as solenidades, estive perto’ (Piñon, 1997, p. 80). O padrinho, já um homem de setenta anos, acolhe a afilhada que confessa: “sinto-me livre pela primeira vez em muitos anos. Ele aceitou que eu mergulhasse na nova terra através de sua sabedoria” (Piñon, 1997, p. 79). A busca da afilhada pela memória galega sugere orfandade, entendida não como ausência das figuras paternas e maternas, mas como ausência de alguém que lhe transmitisse o repertório ancestral, obrigando-a a ir à Galícia para saber: ‘Viera da América com visível sinal de antropofagia’ (Piñon, 1997, p. 84).

O conhecimento sobre a cultura de um grupo social pode ocorrer de diferentes maneiras e a partir de sujeitos distintos, mas do ponto de vista da ancestralidade, é introduzido pelo mais velho por meio da oralidade, que no conto dá-se entre o padrinho e a filhada, embora toda a comunidade participe do ritual iniciático de pertencimento:

Os amigos apareceram. Pepe, Juan, Antonio, quem mais? Faltam muitos ainda? Muitos, disse-me, todos na Ilha são amigos, e aos inimigos engulo como a sopa acalentada com o sopro das minhas gengivas de velho. Rí com o seu ímpeto pelo combate, por ainda precisar viver. Aprenderei com o senhor a resistir aos vendavais e às pestes. Sorriu com o elogio que lhe souo póstumo (Piñon, 1997, p. 84).

A tradição galega é pactuada pelo encontro em dois planos: pela afilhada e o padrinho, plano ficcional, e pela leitora, e escritora no plano social. Os conhecimentos são transmitidos oralmente e intergeracionalmente, como um segredo a ser revelado ao descendente que, por sua vez, dará continuidade ao rito e aos rituais do grupo. Quando Zumthor nos diz que “as vozes passadas se calaram; o que funda sua validade é sua fecundidade, sua capacidade de captar o particular no meio do geral” (Zumthor, 1993, p. 45), alude ao fato de que o silêncio ou silenciamento dos imigrantes deixou lacunas, cabendo aos descendentes de galegos validar a sua história, fazer brotar de sua memória o material criativo, imaginativo, produtivo que possa nutrir de sentido suas existências: “O vazio documental se preenche assim, pouco a pouco, com um concerto de vozes perdidas” (Zumthor, 1993, p. 47). O descendente atravessa o oceano para encontrar-se.

“Abracei-o e disse, é esta a Ilha prometida? Há muito tempo eu devia-lhe a visita, cruzar o mar, aproximar-me dos relevos da Ilha, juntos haveríamos de ‘comer do mesmo pão’” (Piñon, 1997, p.79), (destaque meu). O conto inicia desta forma, com um gesto, com uma palavra que o enuncia - “abracei-o” - e só depois o verbo dicendi é introduzido para dar lugar à fala: “ESTA então é a ilha prometida?”. A sequência mostra que a primeira ação define o efeito que se quer provocar no leitor, situando-o na narrativa, ao apresentar a afeição e o vínculo entre as personagens. O afeto é explicitado na ordem em que as palavras se apresentam e, como a sequência oracional é marcada pela presença da conjunção “e” em “abracei-o e disse”, sugere uma ação concomitante. Indica que o ato da fala ocorreu enquanto se estava abraçando. É uma imagem cujo sentido denota afeto, reciprocidade, familiaridade, acolhida.

A identidade é formada não apenas da memória do sujeito que a busca ou questiona, mas daquilo que o outro sabe dele e que a sua memória não alcança, ainda que seja uma leitura, um sentido gerado pelo filtro da distância e

da memória: “Pedi ao padrinho que me explicasse a mim mesma, eu queria provar-me como se fosse um vinho rascante” (Piñon, 1997, p. 80).

A construção de identidades vale-se da matéria-prima fornecida pela história, geografia, biologia, instituições produtivas e reprodutivas, pela memória coletiva e por fantasias pessoais, pelos aparatos de poder e revelações de cunho religioso. Porém, todos esses materiais são processados pelos indivíduos, grupos sociais e sociedades, que organizam seu significado em função de tendências sociais e projetos culturais enraizados em sua estrutura social, bem como em sua visão tempo/espaço. (Castells apud PUC/RJ, p. 15).

As metáforas são indicadoras da cultura, neste caso, ao introduzir o vinho está-se metonimicamente referindo-se à Galícia, conhecida internacionalmente pelos vinhos que produz, e, ao associar a bebida ao sabor amargo, áspero, provocado pelo tanino, substância presente nas cascas das árvores usadas nos barris, sugere-se que a autodescoberta, a escuta sobre o conhecimento de si, será uma experiência difícil, dolorosa, estranha, mas que deve ser saboreada, vivida, até não se sentir mais desconforto.

...as metáforas não são apenas adornos estilísticos superficiais do discurso. Quando nós significamos coisas por meio de uma metáfora e não de outra, estamos construindo nossa realidade de uma maneira e não de outra. As metáforas estruturam o modo como pensamos e o modo como agimos, e nossos sistemas de conhecimento e crença, de uma forma penetrante e fundamental (Fairclough, 1991, p. 241).

A viagem de autodescoberta é ao mesmo tempo coletiva, porque feita a partir do encontro ou reencontro de pessoas, e pessoal, porque cabe apenas ao sujeito a recomposição de si: “fique tranquilo, padrinho, hei-de salvar-me dos próprios escombros. Por isso, vim à Ilha, recolher força e origem, terei então vida por tempo ilimitado” (Piñon, 1997, p.90). O vocábulo “escombro” nos remete à ruína, aos restos, e pode ser entendida como o sofrimento de uma história pessoal e coletiva forjada pela diáspora que, no contexto da imigração, imputou aos descendentes, ainda que nem todos, o legado do desconhecimento de si, desconectando-o de sua própria história.

A metáfora do escombro é oportuna e pertinente no contexto da imigração galega porque, do ponto de vista da identidade, os descendentes de galegos, independente da sua classe social, ignoram muitas vezes o sentido e importância de serem filhos, netos e bisnetos destes imigrantes, vivendo como se esse fato não repercutisse em suas histórias, em suas vidas. O distanciamento os torna

frágeis, irreconhecíveis, pois a interrupção da escuta dos seus antepassados, faz do esforço ancestral e, por extensão, de si um ato e uma realidade sem importância. A personagem esvaziada de uma identidade que a explique historicamente, sentindo-se “resto” ao ser alijada de um patrimônio galego, lança-se para o passado com o objetivo de se reestruturar, não para ser o Outro, mas para se reinventar, do seu lugar, daí porque ela retorna para o Brasil, território da galegidade fora da Galícia. Os sujeitos forjam, por meio da linguagem, uma imagem de si e do outro no discurso:

Algumas metáforas são tão profundamente naturalizadas no interior de uma cultura particular que as pessoas não apenas deixam de percebê-las na maior parte do tempo, como consideram extremamente difícil escapar delas no seu discurso, pensamento ou ação, mesmo quando se chama sua atenção para isso (Fairclough, 2001, p. 241).

Ao mostrar o encontro da afilhada com os sabores da Galícia, ainda que no Brasil também houvesse produtos equivalentes – “mesmo aos mariscos te introduzi” (Piñon, 1997, p. 80) - as referências à paisagem galega, matéria-prima da memória do ancestral, conectará a afilhada a um lugar específico, por experiência sinestésica, feito de pedras, de folhas, de montes e de mar, de “comida dos ancestrais” (Piñon, 1997, p.80). As metáforas utilizadas no conto expressam discursivamente o pensamento e a prática social ficcionalmente elaborada para proceder ao rito iniciático, a partir da escuta do descendente e da fala do ancestral. Deste modo, Piñon aproxima a sua escrita da tradição oral e convida o leitor a escutá-la, a lançar-se na aventura humana de partir em busca de sua história, como ocorre na jornada do herói. Como em qualquer viagem, as ‘paradas’ são frequentes e uma delas, como bem mostra o conto, dá-se na mesa.

A refeição, com mesa farta de frutos do mar, envolve a personagem no rito iniciático local, costeiro, e nada mais galego do que acolher o anfitrião com mesa farta:

Trouxe o cozido banhado de luar e gordura. Aquele porco precisamente havia sido educado distante dos detritos marítimos, capazes todos de deformarem a melhor carne que um animal da terra teria a oferecer-nos... durante a semana alimentava-se de milho, mas aos sábados e domingos se regalavam com castanhas e batatas (Piñon, 1980, p. 82).

O alimento aparece como um rito cuidadosamente preparado desde a sua origem, completando o ciclo da natureza ao devolver ao homem a substância, a

provisão essencial para a sua existência. O animal alimentado pelo homem e que irá nutri-lo é uma metáfora para o rito de transmissão dos bens simbólicos, de preservação patrimonial material e imaterial da cultura galega: é necessário nutrir os descendentes galegos de memória e de escuta para que eles possam ‘alimentar’ as gerações vindouras: “terei então vida por tempo ilimitado” (Piñon, 1997, p. 80). Portanto, a identidade não diz respeito apenas ao alimento em si, mas em como prepará-lo, associando a gastronomia a uma filosofia de vida, uma maneira de ver o mundo e interagir nele. O pertencimento não corresponde apenas ao gesto de conhecer alguns elementos simbólicos galegos – o canastro, a gaita, a *muiñeira*, o *polbo* -, mas se sentir parte do processo histórico que conecta os sujeitos a um legado secular. Ainda que o descendente não possa “voltar ao passado” para preencher as lacunas, estas devem servir como componente fundamental no processo de construção da identidade e de sua emancipação. Longe de ser um problema, a ‘lacuna’ será o *leitmotiv* por uma afirmação identitária, por uma reivindicação ao direito de ser. É desta forma que o padrinho situa a afilhada em terras galegas, afinal, “Cabia-lhe, pois, cuidar que levasse de volta ao Brasil os mesmos olhos com que chegara. Sem perder a nacionalidade, este cravo espetado no coração” (Piñon, 1997, p. 82). Esta imagem produzida poeticamente por Piñon, problematiza o discurso do lugar de pertencimento ligado ao território, mostrando que o legado simbólico ultrapassa o território de nascença. O desafio é retornar ao país de nascimento com o mesmo encantamento, com o mesmo ânimo de prosseguir o trajeto de autoconhecimento, agora com novos componentes formativos, marcados por novos discursos, ritos e paisagens galegos. Não é um retorno fácil, como sugere a metáfora do “cravo espetado no coração”, é doloroso, mas necessário. Perscrutar a memória não significa lembrar a dor para reproduzi-la. Se assim for, não haverá mudança no presente e engessamos vidas. Lembrar os fatos passados deveria ser mais libertador. Deveria servir para reescrever o presente com outros sentimentos e comportamentos. A rememoração deveria curar as feridas e não as reabrir.

O processo de autodescoberta é uma peregrinação de escuta atenta; os sentidos devem estar abertos e ouvir o ancestral é condição *sine qua non* daqueles que reclamam o pertencimento, mostrando que a conexão sinestésica

de duas pessoas nascidas em territórios distintos, não os impede de estarem unidos pela memória comum.

O ato da audição, pelo qual a obra (ao termo talvez de um longo processo) se concretiza socialmente, não pode deixar de inscrever-se como antecipação no texto, como um projeto, e aí traçar os signos de uma intenção; e esta define o lugar de articulação do discurso no sujeito que o pronuncia (Zumthor, 1993, p. 20)

Portanto, ao contar à afilhada a história de sua aldeia, das pessoas, ao mesmo tempo em que a conduz pelos caminhos do lugar e coloca à mesa os pratos da culinária galega para que ela se sinta pertencente, o ancestral traça a sua intenção, a de regalá-la com o maior presente: o de perpetuar a memória dos seus antepassados, ainda que em outro território. No conto, a afilhada possui algum material ancestral comum, porém os lapsos a impedem de avançar, de entender melhor a corporalidade que a une ao tecido social galego. A fragmentação do ser, a ‘disrupção’ provocada pela imigração e pelo esforço em adaptar-se à outras culturas produz o desenraizamento que somente com a devida escuta poderá reintegrar o sujeito ao território físico e ancestral.

As dificuldades da travessia aparecem no texto também em relação à língua que, apesar de guardar semelhanças com o português, era para a personagem uma barreira a superar: “meus lábios emitiam sons com dificuldade e, apesar da civilização *gallega*, eu lutava pela fala”. (Piñon, 1997, p.82). Observe-se que a escritora opta pela expressão “lutava pela fala” e não “lutava pela escuta” porque a fala resulta de uma operação muito mais complexa do que a escuta. Falar significa articular os fonemas com legibilidade, fluidez, além de portar o acento, traço que marca a origem, a identidade do falante. Representa construir um mundo por meio da palavra que a personagem tinha dificuldades porque aquele lugar, apesar de lhe constituir, pois pertence aos seus antepassados, não lhe concernia completamente. Por isso, a língua é o elemento primordial de vinculação a um lugar e fundamental para imergir na cultura e só se aprende a expressar-se fluentemente quem vive a cultura. Como a língua está intimamente ligada à vivência cultural, porque ela é produto da cultura e forja culturas, ao não falar galego a personagem encontra obstáculos para significar as coisas porque ou são novas ou não fizeram parte de sua vivência: ‘essas teriam sido minhas palavras, se eu já dispusesse de uma linguagem’ (Piñon,

1997, p. 85). A linguagem é um elemento importante da expressividade e, como tal, se impõe como um desafio para o sujeito diaspórico distanciado da língua.

No conto, a palavra ancestralidade é registrada como síntese de todo o conto, como uma palavra-metonímia, já que o seu conceito está relacionado ao patrimônio simbólico a ser atualizado pelos descendentes a partir do contato com a memória ancestral contada pelos mais velhos, que os conduzirá ao sentimento de pertencimento ao grupo. A maior parte da narrativa é centrada neste contato entre a afilhada e o padrinho, na conversa entre eles: “você é a minha última certeza. E se sobreviver a mim, terei prolongado minha vida na terra” (Piñon, 1997, p. 83) ou, ainda, quando a personagem reclama a atualização desta memória “com os olhos cerrados mastiguei a carne, garanti-lhe a sobrevivência na memória”. (Piñon, 1997, p. 82). Conectados em seus propósitos confluentes, padrinho e afilhada tornam possível a preservação da memória de um povo pela oralidade, por meio das conversas e das histórias de familiares e de pessoas próximas. Pela fala, conectam-se também os galegos à tecnologia, às artes, à fauna e à flora, às esculturas construídas para que não se esqueçam de ser o que são, de cultuar e reverenciar os que se foram e seguem na memória e na trajetória de cada um descendente. É oportuno destacar a reação da afilhada em relação à fotografia, de como a evita: ‘eu não queria que ele me regalasse um dia com a visão de um passado sem alma. De que serve o futuro povoado de retratos amarelos?’ (Piñon, 1997, p. 85). O enunciado reforça o compromisso da escritora com a tradição oral e assim o faz por meio da personagem e da sua atitude, pois ao evitar a fotografia, reivindica-se a contação: memória contada e não imobilizada.

Desse modo, considero oportuno e eficaz, do ponto de vista da interpretação de texto, em especial desse conto, inserir o conceito de ‘ancestralidade discursiva’ para identificar as práticas e os discursos produzidos pelos ancestrais que influenciam o comportamento dos sujeitos diaspóricos, a ponto de lhes dar novos sentidos e, assim, confrontar a história por meio de textos orais, visuais ou linguístico, redimensionando a galeguidade hoje. O conceito também contribui para a análise de como os sujeitos estão escrevendo sobre as suas tradições, que meios utilizam, que linguagem usam e que valores são mostrados nos textos. Em literatura, significa analisar os elementos literários

tomando como referência a ficcionalização dos ritos e rituais de um grupo e o potencial formativo e aglutinador do texto, dando ao ato de escrever uma dimensão política. Significa também como os leitores respondem ao que está sendo escrito:

Eu mastigava homens, mulheres e crianças para não esquecer-los. Viera da América com visível sinal de antropofagia. Havia chegado o momento de a América recolher os seus tesouros, arrastá-los até as suas naus prontas para o embarque. Em todos os portos, eu dispunha de barcos (Piñon, 1997, p. 84).

O rito de inserção da personagem na cultura galega corresponde a um contato com a forma de ser galego que de alguma forma a constitui, apesar do desenraizamento. A partir do conto, sistematizei alguns aspectos da prática social galega:

a) O respeito aos mais velhos, à memória e aos ritos familiares e comunitários pela afetividade presente na relação entre a narradora-personagem e o padrinho. O reconhecimento de que os mais velhos são detentores do saber e que, por isso, devem ser respeitados. A intergeracionalidade como um aspecto importante no conto e que marca a relação dos sujeitos pela ancestralidade, incluindo os ritos cotidianos como a transmissão vocal do repertório memorialístico. A fotografia aparece no texto para registrar a alegria do encontro, bem como gerar material para a narratividade: ‘...vejam, minha afilhada trouxe sorte, isto prova que ela originou-se deste povo. Observem as feições do seu rosto que preservei com minha máquina fotográfica’ (Piñon, 1997, p. 88).

b) O amor à terra (independente onde esteja), pois a terra é a que o galego escolhe para cultivar, investir, viver (sem perder o amor pela sua terra original, a Galícia). No conto, as referências à terra são constantes e, ainda que a narradora-personagem retorne ao Brasil, ela não perde o seu vínculo com a Galícia. “Salve a terra, padrinho. A que terra queres homenagear, afilhada?” (Piñon, 1997, p. 83).

c) O acolhimento mostra-se no encontro entre a afilhada e o padrinho, mas, igualmente, de toda a comunidade apresentada por ele. A porta de entrada dá-se por um grupo familiar responsável em apresentar o membro recém-chegado à comunidade. O padrinho recebe a afilhada nos moldes galegos: caminhadas, alimento, conversações: ‘Os amigos apareceram. Pepe, Juan,

Antonio, quem mais? Faltam muitos ainda? Muitos, disse-me, todos na Ilha são amigos...’ (Piñon, 1997, p. 79).

d) A valorização da língua está presente no conto na angústia da personagem por não saber se expressar no idioma, embora entendesse muito bem. Ao inserir aspectos linguísticos no conto, percebe-se a relevância da língua para a identidade de um grupo social.

e) A valorização do que é autóctone, do que é cultivado na Galícia e pertencente a sua fauna e flora, ao habitat local: frutos do mar, hortaliças, carnes, mas, igualmente a paisagem galega. ‘Te introduzi à natureza desta terra, à comida dos ancestrais, mesmo aos mariscos te introduzi...’ (Piñon, 1997, p. 80)

f) A ideia de transmissão da memória pela oralidade por meio dos relatos passados, contados em um passeio, em uma reunião de família, na mesa. ‘Aprenderei com o senhor a resistir aos vendavais e às pestes. Sorriu com o elogio que lhe soou póstumo’ (Piñon, 1997, p. 80).

g) A valorização da ideia de prosperidade pelo trabalho, embora não esteja explícita no conto, está no interdito, já que o galego emigra para melhorar as suas condições de vida lançando-se ao trabalho.

Os sete aspectos listados estão presentes no conto e expressa a cosmovisão galega. São princípios e atitudes que conectam os galegos e seus descendentes e os fazem se reconhecer, formando um tecido social com identidade que ultrapassa o território, o que vem sendo chamado de ‘galegidade’. Quando a personagem entra em contato com a cultura galega é com o intuito de encontrar este legado e, conseqüentemente, consigo mesma:

Em torno da mesa, discutiam-se os rumos da Ilha. Do barco a vela haviam passado à lancha a vapor sem se terem dado conta, conciliados com os novos tempos. Ponderei-lhes que avanços muitas vezes dificultavam o julgamento do que éramos enquanto vivíamos. Quer dizer você que abdicamos de nossas identidades? Interrompeu-me Maruxa. Ao contrário, ninguém havia perdido um retrato que não chegou a existir. O que em seu lugar existiu, sim, foi um pobre desenho de linhas frágeis e apagadas com o qual mal nos identificávamos. Quem sabe em futuro próximo teremos mãos exigentes e firmes com que desenhar os contornos reais de nossas faces interiores (Piñon, 1980, p. 83).

A referência ao processo de modernização, representado na passagem do barco a vela para o barco a vapor, mostra a tensão entre tradição e modernidade que tanto permeia as discussões, inclusive atuais, quando se faz

referência à preservação da memória e a possível ameaça que o desenvolvimento tecnológico possa trazer ao patrimônio imaterial ao introduzir novos registros. A escolha do barco explica a histórica relação da Galícia com o mar, o mesmo mar que conduziu os imigrantes para o Brasil, saídos de diferentes portos, a exemplo do Porto de Vigo. Para um imigrante, o barco ou navio é parte constitutiva do percurso de sua história. É, portanto, o barco um símbolo galego por excelência, do ponto de vista da diáspora, que uniu, um dia, continentes, famílias e histórias. A discussão em torno da identidade galega mostra-se mais reivindicativa no descendente de imigrantes, quando a narradora-personagem se mostra preocupada com as mudanças e a impossibilidade de se reconhecer na matriz depois de tantas modificações. Como buscar a origem se não está lá?

Quer você dizer que abdicamos de nossas identidades? interrompeu-me Maruxa. Ao contrário, ninguém havia perdido um retrato que não chegou a existir. O que em seu lugar existiu, sim, foi um pobre desenho de linhas frágeis e apagadas com o qual mal nos identificávamos (Piñon, 1997, p. 85-86).

A escritora apresenta ao leitor uma narrativa ancestral ao introduzir uma narradora-personagem que evoca um território e uma memória, ambos distantes e retirados de sua vivência por razões que costumo chamar de ‘traumas da imigração’: sequelas psicoemocionais oriundas do *desarraigo* e do esforço da adaptação. A narradora-personagem reivindica para si um legado ancestral comum, ainda que o território de nascimento seja outro, buscando se fortalecer e manter os símbolos da cultura galega como parte da sua vida:

Abraçou-me e passou-me a falar dos celtas, dos ibéricos, dos visigodos, que se uniram de tal modo que hoje seria difícil isolá-los, pois um só rosto *galleto*, muito tem de cada um, e eles próprios neste rosto jamais poderiam reconhecer-se ou indicar que parte dele originou-se da força de seus sangues (Piñon, 1997, p, 90).

Ao mesmo tempo em que a personagem narradora busca por uma identidade original, como se estivesse sempre ali imutável, descobre gradualmente que essa matriz também foi forjada por outros grupos étnicos. Com isso, ao deslocar e inverter o ponto de vista, esta “origem” se revela também como um lugar de disputas identitárias, tornando mais complexo o contato com a matriz galega.

O conto *Finisterre* também nos apresenta uma emblemática personagem feminina, D. Amparo. As personagens principais - a afilhada e o padrinho – não foram nomeados, centrando-se mais na relação entre eles, no compromisso da transmissão da memória ancestral como um ritual e um compromisso assumido de cuidar e proteger o patrimônio galego: ‘Até onde iremos com tantas referências culturais, padrinho.’ (Piñon, 1997, p. 81).

D. Amparo é uma mulher que está entre a vida e a morte. A escolha do seu nome tem um propósito, já que ela representa a dor das mulheres que viram seus homens partirem para a América: “ah, meu amigo, esta é a afilhada que veio daquela América que trouxe os nossos homens” (Piñon, 1997, p. 88). Amparo, é um nome de origem latina, vem de amparar, sustentar, apoiar. A origem do nome remete a uma pessoa que ajuda ou socorre, que presta auxílio, apoio, significados que muito se ajustam ao perfil de uma mulher anciã que, mesmo no leito de morte, representa a fortaleza da família e o fato de a morte ser postergada sugere resistência, força, e de como as mulheres tiveram de enfrentar a morte física ou simbólica com a emigração dos maridos e irmãos. O conto dialoga interdiscursivamente e intertextualmente com a cultura latina, que esteve presente na ocupação do território galego, e com a própria memória das mulheres galegas e rurais que tiveram de conviver com um abandono forçoso de seus maridos, irmãos e filhos que emigraram para a América. Mulheres que tiveram que se desdobrar em força física e psíquica para levar adiante a sua vida e a dos seus familiares. A memória das mulheres que ficaram na Galícia é composta de solidão, dor, resignação, mas, sobretudo, de superação e ressignificação do seu papel. É oportuno registrar que na Galícia existem inúmeras esculturas em logradouros públicos em homenagem à mulher galega, desde as mulheres rurais, que comercializavam os produtos extraídos das atividades do campo ou do mar, até as figuras míticas e religiosas, como a sereia esculpida sobre a pedra em Cangas do Morrazo e a Virgem da Roca em Baiona.

A presença da morte associada à aproximação de um descendente mais novo marca um importante rito e saber ancestral, a de que os jovens, herdeiros da memória, tomam o bastão e assumem o papel de transmitir à posteridade a memória. O discurso sobre a ancestralidade no conto aparece como elemento

principal de mudança social, propiciando ao sujeito que reivindica a memória ancestral o encontro consigo mesmo:

Não tive filhos, talvez te nomeasse filha para privar com um sentimento que só intuí através de você. Você foi o segundo amor que tive, o primeiro destinei à minha mulher, que também amas, olha-nos ela agora à distância ingênua e criança. Parece que não envelheceu. Sou quem lhe preserva a juventude. Ama-me sem saber que rejuvenesce graças ao meu empenho. Sou quem lhe oferece a custódia da juventude. E você, como se fará jovem um dia, se não estarei vivo para salvar-te? (Piñon, 1997, p. 80).

CONCLUSÃO

E para concluir este artigo, destaco a estrutura cíclica da narrativa: as pontas se tocam, mas não se confundem, cumprindo um ritual ancestral o qual o fim não é a morte, se quem vive cuida de continuar a contar. Um novo começo, não tão novo assim, mas vivido por outros sujeitos que carregarão consigo as memórias dos que precederam, fazendo com que aqueles e aquelas que se foram, permaneçam, vivam, dentro de cada um e na vida sociocultural da família e da comunidade galega. A eternidade seria isso, a atualização da memória formada do repertório ancestral, costurando as redes que conectam os sujeitos a uma história comum, e a Galícia é este lugar de escuta e de fala entre gerações: 'Quando você era pequena, intuí que me daria trabalho. E isto porque desejava acompanhar seu destino aonde quer que você fosse. É desse modo que eu amo' (Piñon, 1997, p. 80).

O conto de Nélida Piñon convida a leitora e o leitor descendente de galegos - também outros que sobreviveram a uma diáspora - à autodescoberta; a pensar na ancestralidade como princípio estruturante e discursivo que conduz o sujeito peregrino, que parte em busca da memória ancestral, ao encontro com os seus antepassados: '...e a que mais devo levar-te para que abandones a Ilha pródiga e cheia de fontes? Verá que me faço forte entre a gente do meu povo, e com as memórias dessas pedras, desses arbustos' (Piñon, 1997, p. 80). Piñon trata a narrativa oral (e escrita, se estendermos ao livro de Nélida Piñon) como *modus operandi* da transmissão dos saberes ancestrais marcadas por textualidades que formam a identidade de um povo, sobretudo quando a globalização propicia maior contato entre diferentes grupos. Ao escrever o conto

Finisterre, Nélida Piñon assume o seu papel ancestral de contar, de despertar, de animar os descendentes de imigrantes a se confrontarem com a sua história, esquecida ou não contada sobre o outro lado do Atlântico: “Ansioso em fixar-nos para a eternidade, o padrinho impunha-me a memória e a crença do seu povo. Eu via-lhe o modo de conquistar o meu sangue e a minha emoção” (Piñon, 1997, p. 90). Tal como o padrinho, Nélida Piñon ‘impõe’ aos leitores descendentes de galegos a tarefa de se encontrarem com o seu passado, encantando-os, como Sherazade, e mostrando-lhe o caminho a ser percorrido. Um trajeto que inclui uma viagem e um estudo, uma escuta e uma leitura, um olhar e um abraço.

Acolher com um abraço, seja no encontro ou na despedida, tem um significado muito particular para quem foi forçado a viver sem o afeto, sem a presença corpórea dos seus entes queridos como ocorreu com os imigrantes que não conseguiram regressar à Galícia, vivendo em terras distantes e em contato esporádico com os seus familiares que ficaram na Galícia. Alguns voltaram, outros ficaram para sempre e foram enterrados no país que aprenderam a ser gratos, pois lhes deu a sobrevida, tempo suficiente para se dedicarem à família no país de acolhida e à família que deixaram do outro lado do Atlântico e que deles dependiam.

Finisterre é um conto de dor e morte, mas é, sobretudo de esperança, de superação e de renovação. É a saga de um povo narrado em treze página com poeticidade e amor, pois o ato de amor se revela na vontade de que a posteridade possa usufruir da memória, daquilo que lhe pertence, ainda que alguns desconheçam, e que necessita apenas ser despertado. O Calor das Coisas, título do livro, não poderia ser mais adequado, levando-se em conta a força e a vitalidade presente em tudo que pode servir de matéria a ser narrada. Com este conto, Nélida Piñon abraça todos os imigrantes galegos e em especial os seus descendentes de ontem, de hoje e de sempre.

REFERÊNCIAS

BENJAMIN. Walter. **O narrador**. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. Disponível em: <[O Narrador \(uerj.br\)](http://www.uerj.br)>. Acesso em: 26 ago 2023.

Definições de Identidade. Maxwell/PUC/RJ. Disponível em: < [21902_3.PDF](#)

puc-rio.br> Acesso em: 29 ago 2023.

FAIRCLOUGH, Norman. **Discurso e mudança social**. Trad. Izabel Magalhães. Editora UnB: Brasília, 2001.

LEIRO, Lúcia. **Memórias da Bahia: cartas da imigração galega**. Disponível em:< [MEMÓRIAS DA BAHIA: CARTAS DA IMIGRAÇÃO GALEGA | Estudos Linguísticos e Literários \(ufba.br\)](http://www.ufba.br/estudos-linguisticos-e-literarios)>. Acesso em: 06 dez 2022.

PIÑON, Néida. **O calor das coisas**. Editora Record: Rio de Janeiro, 1997.

Reconhecimento da galegidade. Disponível em: [DOG 126 do 4/07/2013 - LEI 7/2013, de 13 de junho, da galegidade. \(xunta.gal\)](http://www.xunta.gal). Acesso em: 26 ago 2023.

SCOTT, Joan. **Gênero: uma categoria útil de análise histórica**. Disponível em:< [Microsoft Word - Gênero Joan Scott.doc \(usp.br\)](http://www.usp.br/microsoft-word-genero-joan-scott.doc)> Acesso em: 29 ago 2023

ZUMTHOR, Paul. **A letra e a Voz**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.